

dadeiramente estudiosos. E mais rica ficaria a edição, se fôsem reproduzidas às páginas de rosto das edições utilizadas, assim como reproduzidas também algumas das páginas do texto. Seria mais uma contribuição para a história da tipografia no Brasil.

De grande proveito é, no entanto, a leitura dêsse importante instrumento de trabalho que Raymundo Magalhães Júnior acaba de publicar na *Brasiliana*.

J. CRUZ COSTA

\* \*

FUNDAMENTOS DA CULTURA RIO-GRANDENSE. Primeira série. Textos de Athos Damasceno, Balduino Rambo S. J., Carlos Dante de Moraes, Darcy Azambuja, Graciema Pacheco, Guilhaermino César e Manuelito de Ornellas, reunidos, com uma bibliografia por João Francisco Ferreira; prefácio de Luiz Pilla. Edição da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1954. 218 páginas.

As Faculdades de Filosofia (já numerosas em todo o país) têm uma finalidade triplíce: preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica, preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior e realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objeto de seu ensino. Com pequena diferença de palavras, tais objetivos figuram nos regulamentos de tôdas as escolas dessa natureza que no Brasil se criaram a partir de 1934. Se a maioria delas esqueceu ou deixou de cumprir algumas dessas finalidades, isto é outra história, cujos motivos não cabem ser examinados aqui. Mas devemos ficar realmente contentes quando encontramos uma que seja a lembrar a alta responsabilidade que lhes cabe, principalmente em face do povo que, afinal, é quem sustenta as escolas oficiais. Entre estas está a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Em 1954 o diretor dessa instituição, Prof. Luiz Pilla teve a iniciativa feliz de um curso sôbre "Fundamentos da Cultura Rio-Grandense", que não ficou apenas no projeto mas foi realizado, dêle se incumbindo alguns nomes dentre os mais respeitáveis da cultura gaúcha. Com êsse curso "voltou-se a Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul para os interesses de seu meio, disposta a fornecer ao homem, e ao povo de seu Estado, o auxílio e os conhecimentos de que êle necessita para saber de onde veio, onde está e como deve agir para se pôr realmente em ligação com a terra e com os seus semelhantes" (do prefácio). Destinou-se o curso a ser um "largo levantamento" do Rio Grande do Sul e com a continuidade nos anos seguintes, dentro de pouco tempo constituiria valiosa contribuição ao conhecimento daquela importante região de nosso país. Não sabemos se a idéia foi continuada. Se não foi, só temos a lamentá-lo. E se foi, só almejamos que bem depressa venham a público os volumes respectivos, pois a amostra que nos foi dada com a publicação do primeiro curso, muito nos faz esperar. E' sabido que há no Rio Grande do Sul uma excelente "equipe" de pesquisadores que muito têm feito nos domínios da história, da literatura, da sociologia, da etnografia, da geografia, da economia e de outros setores da atividade cultural relativa aos pagos do Sul. Essa

“equipe” tem sido às vezes criticada pelo excesso de regionalismo com que trabalha. Não seremos nós, nunca, que haveremos de fazer côro com essas críticas. Ao contrário: é nesse regionalismo que vemos o seu maior mérito. Daí, portanto, sentirmo-nos bem a vontade para considerar, apreciar e quando necessário criticar qualquer coisa que nos mandem os nossos colegas do Sul.

O ponto de vista em que se colocaram os colaboradores do curso organizado pela Faculdade de Pôrto Alegre é o mais sensato: “Os estudos sôbre o nosso Estado — que tem uma situação muito especial na História do Brasil — devem basear-se em pesquisas e conclusões corretas de modo a não criar nem permitir a continuação de certos erros e equívocos que aí andam em tórno de nossa história e de nossa gente. Certas concepções que temos sôbre o nosso Rio Grande são inverdades que precisam ser afastadas. Vivemos sôbre muitos *mitos* que longe estão de representar o que de fato é. Esses *mitos*, erros e equívocos, devem ser substituídos por aquilo que uma real pesquisa e uma justa interpretação concluíram como verdadeiro”. Essas palavras com maior ou menor justiça, podem servir para qualquer estado do Brasil e bom seria que em todo o país os estudiosos de seu passado refletissem um pouco sôbre elas. Quanta *inverdade* seria corrigida e quanto *mito* seria destruído!

A primeira série de *Fundamentos da cultura rio-grandense* reúne os seguintes trabalhos: “A fisionomia do Rio Grande do Sul”, pelo Pe. Balduino Rambo SJ; “O povo rio-grandense nas vésperas de 1835”, de Carlos Dante de Moraes; “Correntes políticas”, de Darcy Azambuja; “O criador do romance no Rio Grande do Sul”, de Guilhermino César; “O teatro em Pôrto Alegre no século XIX”, de Athos Damasceno; “A origem da poesia crioula na sátira política”, de Manuelito de Ornellas; “O *status* da criança como expressão do meio rio-grandense”, de Graciema Pacheco; e “Elementos para uma bibliografia sôbre o Rio Grande do Sul”, de João Francisco Ferreira.

Naturalmente cada um dos assuntos tratados daria margem a um livro e nem a preocupação de seus autores poderia ser a de esgotar o assunto, mas tão sômente a de ventilar os problemas, abrindo caminhos e perspectivas para estudos mais aprofundados. Compreendeu-o muito o Padre Rambo, autoridade reconhecida em geografia física do sul do Brasil, quando após caracterizar o “palco” onde vai desenrolar-se a história e a vida do Rio Grande do Sul (mui sábiamente sua conferência foi posta em primeiro lugar), conclui com estas palavras: “Seu tema permanece necessariamente inacabado. Parece-me, porém, que assim corresponde melhor à finalidade dêste ciclo de estudos sôbre a cultura rio-grandense: o escopo das conferências não pode ser o tratamento exaustivo dos problemas; é antes o de delinear as bases gerais, sôbre as quais cada um pode e deve construir a sua própria imagem da cultura rio-grandense”.

Para os leitores da *Revista de História*, assumem maior interesse, além do já citado trabalho do Padre Rambo, o de Carlos Dante de Moraes sôbre o Rio Grande do Sul na época da revolução farroupilha, o de Darcy Azambuja sôbre os partidos políticos gauchos, assunto ingrato de ser tratado principalmente (como lembra o Autor) quando em “sua maioria aí estão vivos e militantes, solicitando nossa simpatia ou nossa desaprovação”; o de Guilhermino César sôbre a figura de José Antônio do Vale Caldre e Fião, para quem o Autor reivindica as honras de criador do romance gaúcho. A bibliografia gaúcha, que encerra o volume, embora muito longe de completa, é de

utilidade para quem quiser travar conhecimento com a cultura sul-rio-grandense. A título unicamente de informação, gostaríamos de lembrar que um dos melhores trabalhos de viajantes estrangeiros sobre o sul do Brasil — o de Avé-Lallemant, citado na bibliografia apenas na edição original alemã de 1859, já pode ser encontrado em nossa língua, em tradução de Teodoro Cabral, editado pelo Instituto Nacional do Livro (Ministério de Educação). Igualmente o clássico livro do Visconde de São Leopoldo (“Anais da Província de São Pedro”) aparece citado apenas na edição original, de acesso difícil, quando existe reedição recente e acessível (entre outras coisas por ser de preço mínimo) feita também pelo Instituto Nacional do Livro. O mesmo acontece com a “Viagem ao Rio Grande do Sul” de Saint-Hilaire. Está citada na bibliografia a tradução de Leonam de Azeredo Pena editada por Ariel em 1935, em comemoração do centenário farroupilha. Conviria lembrar que a mesma tradução foi reeditada pela Companhia Editora Nacional (na coleção “Brasilianna”) em 1942, justamente por ter-se esgotado aquela edição da Ariel. A esta última, portanto, é que qualquer interessado ainda poderá recorrer se tiver interesse em adquirir a obra.

Embora o organizador da bibliografia tenha justificado o não ter feito obra completa, algumas lacunas, entretanto, nos parecem graves, sobretudo por se tratar de obras que se tornaram clássicas: a “História das missões” de Aurélio Pôrto; o livro de Sepp sobre as missões jesuíticas, “Os bandeirantes no Rio Grande do Sul”, do Padre Jäger, as “Notas sobre o Brasil” de Luckock (foi citado apenas o pequeno volume “Aspectos sul-rio-grandenses”, que é extraído daquele livro; sabemos bem que nesse “extrato” está tudo o que se refere ao Rio Grande do Sul na obra do curioso comerciante e viajante inglês; mas uma bibliografia correta faria referência a esse pormenor...).

Não sabemos — repetimos — se a série de conferências organizada pela Faculdade de Filosofia de Pôrto Alegre teve prosseguimento. Entretanto, o apêlo que o diretor da instituição dirigiu aos professores de sua escola no prefácio deste primeiro volume dos “Fundamentos da cultura rio-grandense” é desses que não podem ficar sem resposta e muito teríamos a lamentar se dificuldades de ordem material surgissem a impedir o cumprimento do programa tão bem idealizado.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \* \*

CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU. — Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, vol. III. Instituto Nacional do Livro (Ministério da Educação e Cultura). Rio de Janeiro, 1956, 321 pp.

O Instituto Nacional do Livro dando prosseguimento à importante tarefa de editar obras de grande valor, acaba de publicar mais um volume da preciosa correspondência de Capistrano de Abreu. Organizou e prefaciou este volume, como já o fizera com os dois outros, aparecidos em 1954, o historiador José Honório Rodrigues.

Neste terceiro volume, encontram-se várias cartas dirigidas por Capistrano a diversas pessoas (até p. 99) e algumas respostas enviadas ao historiador (de p. 103 à p. 266).